**Título: Gênero e tecnologias no campo da reprodução humana: uma pequena reflexão a partir de Scott , Adorno e Horkheimer.**

**Autores: GUEDES. Maria Eunice Figueiredo, Ms. Universidade Federal do Pará – UFPA, Brasil. Professora e Pesquisadora. E-mail** **nicepsique@hotmail.com**

**“Nietzche proclama a quintessência de sua doutrina. Os fracos e os mal formados devem perecer; primeira proposição de nossa filantropia. E convém ainda ajuda-los a isso. O que é mais prejudicial do que qualquer vício- a compaixão ativa por todos os malformados e fracos- o cristianismo...”(Adorno &Horkheimer, 1985, p.94)**

**Resumo:**

Hoje está na ordem do dia na nossa sociedade o surgimento de inúmeras inovações tecnológicas. Muitas disciplinas se articulam como a informática, biologia, matemática etc e conhecimentos ditos “ciência de ponta” se juntam na origem dessas tecnologias. Este trabalho pretende trabalhar a relação da biotecnologia e reprodução humana a partir dos conceitos de Adorno, Horkheimer (1985) na Dialética do Esclarecimento e o de Gênero de Joan Scott (1981) numa perspectiva de entender o que essas inovações tecnológicas repercutem no campo da construção conceitual e social de homens e mulheres e na reconfiguração das relações de poder.

**Palavras Chave: gênero e tecnologia; Gênero e reprodução humana; Adorno e Horkheimer.**

**Abstract**

Today is the order of the day in our society the emergence of numerous technological innovations. Many disciplines are articulated as information, biology, mathematics etc. and knowledge called "rocket science" join the cause of these technologies. This work aims to study the relationship of biotechnology and human reproduction from the concepts of Adorno, Horkheimer (1985) Dialectic of Enlightenment in Gender and Joan Scott (1981) with a view to understand what these technological innovations impacting the field of conceptual construction and social of men and women and the reconfiguration of power relations.

**Keywords: gender and technology; Gender and human reproduction; Adorno and Horkheimer**

**Introdução**

 Hoje está na ordem do dia na nossa sociedade o surgimento de inúmeras inovações tecnológicas. Muitas disciplinas se articulam como a informática, biologia, matemática etc e conhecimentos ditos “ciência de ponta” se juntam na origem dessas tecnologias. Vivemos sujeitos e imersos nessas mudanças tecnológicas. Um grupo que têm surgido recentemente em termos de inovações é o campo das chamadas ‘novas tecnologias no campo reprodutivo”(grifo nosso).

 Pretendemos aqui assinalar que essa chamada revolução científica no campo reprodutivo têm implicações sobre a vida de homens e mulheres. Segundo o que coloca a Organização não governamental-ONG Ser-mulher,

“A problemática das novas tecnologias no campo da reprodução humana apresenta novas complexidades ao tema dos direitos reprodutivos, a saber, entre outros, a questão do determinismo genético como novas formas pseudo-científicas de discriminação das mulheres; a clonagem reprodutiva e engenharia genética como “escolhas reprodutivas ou livre eleição”; escolha de traços do futuro bebê como “direito reprodutivo”; as apropriações e distorções do discurso da autonomia; o problema dos direitos Individuais vs uma ética da dignidade da espécie.”

 “...A denominada clonagem terapêutica supõe a experimentação em embriões humanos, isto é, a criação de embriões clonados a partir dos quais podem se utilizar as células-troncos ou células-mães (stem cell) que, por serem totipotentes (indiferenciadas), facilitariam a fabricação de tecidos e órgãos para transplantes. A clonagem reprodutiva é um procedimento também chamado de transferência nuclear. Trata-se de reprodução assexuada (prescinde da união dos gametas feminimo e masculino) e assexual (prescinde da relação sexual). Trata-se de uma técnica através da qual se cria um ser vivo ou um ser humano geneticamente idêntico ao outro. Implica em extrema instrumentalização das mulheres como produtoras de óvulos (imprescindível para a clonagem pelas propriedades do citoplasma) e fornecedoras do útero.” (ser-mulher,2003,p.6)

 No bojo dessa reflexão sobre novas tecnologias se acentua formas de como a mulher é vista e tratada socialmente. A ciência que nem no texto de Adorno e Horkheimer *Dialética do Esclarecimento* (1985, pp.81-112) desempenha aqui nos dias de hoje um poder que se serve de conceitos e da dita “razão esclarecida” para estabelecer relações de dominação. Os seus objetivos não se expressam de maneira clara, nem a quem esta revolução tecnológica na verdade serve. A tecnologia ocupa assim um lugar dos mitos e de conhecimentos sobre os gêneros (homem/mulher) anteriormente inscritos na história humana e/ou se baseia na desmorização social e histórica da humanidade e hoje desempenha um papel de substituição dos seres humanos no campo da reprodução.

1. **Algumas reflexões a partir de Scott , Adorno e Horkheimer**

Para Adorno e Horkheimer (1985) o tempo e espaço são categorias criadas pelo homem e a relação sujeito-objeto não é a princípio cognoscível. A consciência significa que o esclarecimento é a consciência da relação sujeito/objeto e o objetivo do conhecimento é superar limites. A origem do esclarecimento é o “medo” e a reação é o grito que se tornou “palavra”. Assim Adorno e Horkeimer se diferenciam de Freud (em relação ao pensamento infantil dos povos primitivos). Não existe nada fora das relações e é o “medo” que é colocado no início da humanidade e este é real para os sujeitos e depois vira dominação.

“como no caso dos autócto subjugados nas primeiras formações estatais, assim como no caso dos indígenas nas colônias,atrasados relativamente aos conquistadores em temos de organização e armas,bem como no caso dos judeus entre os arianos, o desamparo da mulher é a justificativa legal de sua opressão...a tentativa do cristianismo de compensar ideologicamente a opressão do sexo pelo respeito à mulher e, assim,enobrecer a reminiscência dos tempos arcaicos, ao invés de simplesmente recalca-la, é respondida com rancor pela mulher sublimada e pelo prazer teoricamente emancipado......nos séculos cristãos, o amor ao próximo dissimulou sempre o ódio proibido e obsessivo pelo objeto que não cessava de evocar a inutilidade desse esforço: a mulhe. Ela pagou o culto da Madona com a caça às bruxas, que não foi senão uma vingança exercida sobre a imagem da profetisa da era pré-cristã, que punha secretamente em questão a ordem patriarcal...a mulher enquanto ser pretensamente natural é produto da história que a desnatura.A vontade desesperada de destruir tudo aquilo que encarna a fascinação da natureza, do inferiorizado fisiológica, biológica, nacional e socialmente, mostra que a tentativa do cristianismo fracassou...” (Adorno & Horkheimer, 1985,pp.105-106)

Então a idéia a ser combatida para esses autores é a própria dominação (relação de poder). É possível uma sociedade sem dominação? Nessa sociedade que vivemos onde a mercadoria e o capital é que ditam atualmente a vida humana é possível a “liberdade e autonomia”?

Para Adorno e Horkheimer o elemento que foi perdido na ciência foi a verdade. Não há verdade sem sujeito. A verdade é histórica e ela não existe só no sujeito, mas também na realidade/objetividade que cria o Sujeito. É possível saber o que é verdade a partir da relação sujeito/história. Então porque o mundo regride? Porque não utilizar a técnica a serviço da felicidade humana?

A partir da segunda metade do século XX, a biotecnologia moderna (biologia molecular, bioquímica, engenharia genética, genômica) teve um desenvolvimento vertiginoso transformando-se, em articulação com outros setores, tais como a informática, cibernética e mais recentemente, ainda de forma incipiente, a nanotecnologia (re-engenharia da estrutura atômica da matéria), em um dos pilares fundamentais da ordem econômica mundial e seus projetos futuros. Se entendermos por biotecnologias em um sentido amplo, o conhecimento científico e a intervenção tecnológica em todos os eventos da vida e a associarmos à medicina genética, a medicina reprodutiva e as ciências da saúde, veremos que é imprescindível que a sociedade e os indivíduos, na perspectiva dos direitos humanos, recontextualizem a análise do modelo hegemônico vigente, à luz do desenvolvimento científico e tecnológico.

Este modelo apresenta uma relação indissolúvel entre ciência, tecnologia e indústria, alterando concepções anteriores sobre a neutralidade do conhecimento e da técnica; transformando a informação e os recursos biológicos em novos valores mercadológicos através de complexa manipulação econômica e da reprogramação do trabalho e da vida; alterando as fronteiras clássicas das diferenças estabelecidas entre animais, coisas, máquinas, vida, morte, orgânico, inorgânico, gêneros, em um contexto de lacuna ética e concentração cada vez mais densa de capital e de poder político e econômico.

É a racionalidade científica e a tecnologia moderna a serviço de potencializar “novos saberes para a humanidade”. Mas a que custo social e individual?

Adorno e Horkheimer assinalam na Dialética do Esclarecimento (1985) que os impulsos primitivos podem existir dentro da cultura mais avançada. Parece então que na nossa cultura atual muito de nosso passado e nossos “medos” estão presentes, embora tenhamos nos esquecido desse passado, da história e como as ditas novas tecnologias e a opressão da mulher foram vistas de maneira “natural”.

Não defendemos aqui o “retorno à idade das trevas” pois os meios tecnológicos são fundamentais e importantes para a humanidade e podem salvar pessoas. Mas o que os autores questionam é o preço dessa evolução e a quem eles servem com sua aparente “neutralidade”?

Atualmente os desafios provenientes das perspectivas de clonagem humana, de modificação genética hereditária (intervenção nas células germinais), da reprodução tecnológica e da inestimável profusão de procedimentos, exames, intervenções, manipulação do corpo e de seus componentes tanto das mulheres como das gerações futuras acentuam as perspectivas de uma nova eugenia com suporte em manipulações genéticas e determinações econômicas e políticas.

 É preciso avaliar cuidadosamente e apontar para o perigo destas tecnologias exacerbarem a mercantilização das crianças, do material biológico/genético e da procriação humana e conduzirem à instrumentalização das mulheres.

Faz-se necessário entender que a Ética não se desliga do conhecimento. É preciso fazer a reflexão da ciência e resgatar “a utopia que havia no passado”. Embora o esclarecimento para Adorno e Horkheimer pois é importante, mas este não basta em si. No entanto também sem ele (esclarecimento) não é possível a mudança.

 O emprego destas tecnologias traz novos dilemas para a autodeterminação das mulheres e para a sociedade humana como um todo, principalmente no que se refere à separação definitiva da sexualidade da reprodução.

O desenvolvimento científico e tecnológico contemporâneo, sua natureza, sua dinâmica e seus significados econômicos, sociais, políticos e morais afetam toda a Humanidade, portanto deve fazer parte da agenda dos países do mundo, levando-se em conta as especificidades das diferenças culturais, econômicas, sociais e políticas e as relações de poder entre regiões e nações.

Para Adorno e Horkheimer o que está em jogo no século XX é o aperfeiçoamento técnico e esta cultura tem mecanismos de incorporar os sujeitos à cultura. A resistência acontece mas não como uma crítica da ideologia. Segundo os autores depois do fascismo a Ideologia se tornou uma “mentira manifesta”. Porque as pessoas aderem a mentiras manifestas? O que leva as pessoas a acreditar em mentiras manifestas? A resistência se concentra no campo da própria consciência e daí o papel da psicologia para entender o que leva as pessoas a cultuarem mercadorias/fetiches. Temos que nos “desencantar” para podermos nos “encantar” novamente.

É possível realizar somente a crítica às técnicas reprodutivas sem questionar o sentido e as relações de dominação e poder econômico presentes no seu cerne? Para onde foram relegados os saberes das “parteiras”; onde se pode hoje pedir para ter um parto natural? A sociedade incorpora normas/valores sem questionar a dominação, que é uma questão central. Muitos conhecimentos tiveram que ser reprimidos e esquecidos pela sociedade e mulheres para que esse momento atual de tecnologia reprodutiva aconteça. Porque muitos símbolos e sentidos foram suprimidos em relação às mulheres, sexualidade e reprodução?

Dois mil e quinhentos anos de civilização, a partir do apogeu grego trazem em seu bojo todo um legado cultural. O imaginário humano foi sendo povoado como diz Almeida (1992, p.15) por “uma gama imensa de mitos, cosmogonias, seres folclóricos, etc. A posição e o papel da mulher em meio a este circuito acabam sendo expressos através desses mitos inscritos no imaginário”.

Homens e mulheres, enquanto corpos sociais foram e estão sujeitos às relações afetivas; trabalhistas; culturais como decorrência da vida cotidiana. Vários estudos já apontaram como as mulheres, foram ao longo da história da humanidade, perdendo autonomia de saber sobre a saúde e sendo objeto de perseguição religiosa. Muraro (1993) situou no seu artigo *Arqueologia do Feminino* a importância das mulheres nas práticas de saúde medievais enquanto conhecedoras dos ciclos vitais. Eram as mulheres, segundo a autora, “sabedoras da vida e da morte“ (grifo nosso). Por causa desse saber (vida e morte) milhares de mulheres foram mortas, pela Igreja, através da Inquisição conforme foi registrado por Kramer e Sprenger (1995)[[1]](#endnote-1) exatamente por deterem esse saber/poder.[[2]](#endnote-2)

*“...* Desde a mais remota antiguidade, as mulheres eram as curadoras populares, as parteiras, enfim detinham saber próprio, que lhes era transmitido de geração em geração... Na idade média seu saber se intensifica e aprofunda. As mulheres camponesas pobres não tinham como cuidar da saúde, a não ser com outras mulheres tão camponesas e tão pobres como elas. Elas (as curadoras) eram as cultivadoras ancestrais das ervas que devolviam a saúde, e eram também as melhores anatomistas do seu tempo. Eram as parteiras que viajavam de casa em casa, de aldeia em aldeia, e as médicas populares para todas as doenças...” (Muraro, 1995, p.14).

A medicina também com a institucionalização do saber médico e seu desdobramento através da divisão da medicina em especialidades também retirou das mulheres este saber sobre o corpo e a saúde femininas. Muraro (1995, p.14) coloca que as mulheres “vieram a representar uma ameaça, pois o poder médico, vinha tomando corpo através das universidades no interior do sistema feudal”.

 As teias de relações e de interpenetração das redes de significações, para homens e mulheres, as mediações culturais definem o que socialmente é concebido como “feminino e masculino” e o que foi reprimido ou sublimado e que a dominação recalcou. Na discussão sobre feminino/masculino e saúde atualmente é feita uma reflexão incorporando a categoria de gênero.

Scott (1991, p.14) pontua que “gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”. Esta autora coloca quatro elementos, que são constitutivos, para a primeira parte dessa definição, e que estão relacionados entre si:

* 1. “Símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações múltiplas” (Scott, 1991, p.15) e muitas vezes contraditórias. Como por exemplo, Eva e Maria. A pureza e a sujeira, o masculino e feminino... As apresentações desses símbolos podem propiciar múltiplas interpretações, mas são contidas em interpretações binárias, a partir de explicações culturais, reprimindo o conflito e “perpetuando a manutenção da interpretação dominante sobre esses símbolos”.
	2. “Conceitos normativos que, colocam em evidência interpretações do sentido dos símbolos, que tentam limitar e conter as suas possibilidades metafóricas. Conceitos expressos nas doutrinas religiosas educativas, científicas, políticas ou jurídicas, tomando a forma de uma oposição binária que afirma de forma categórica o sentido de masculino e feminino, via rejeição ou repressão de outras formas” (Scott,1991, p. 15). Assim, por exemplo, a virilidade é associada ao “Masculino” e a feminilidade ao “Feminino”.
	3. Um terceiro elemento seria “a noção de fixidade, de imutabilidade, que leva à aparência eterna na representação binária dos gêneros” (Scott, 1991, p. 15). Pois Scott coloca que, a maioria dos estudos, além de não apresentar a dialética da história, das práticas sociais nas suas análises, não incluem a noção de político, compreendendo esse político, como a resistência ou coerção a que foram sujeitas as mulheres, principalmente para ficarem fora da história. Teria então que se incluir, na conceituação de gênero, a noção de político, tanto em relação às Instituições, como em relação às organizações sociais.
	4. Outro elemento seria “a noção de Identidade Subjetiva”. Como as Identidades de gênero são formadas a partir de conceitos/preconceitos imaginária e simbolicamente. A partir da compreensão da linguagem enquanto elemento formador e constitutivo do psiquismo, bem como os símbolos, que prendem os sujeitos a formas normativas de exercer a sua subjetividade. Pois, como viver o exercício da sexualidade amarrados aos conceitos de papéis sexuais, de masculino/feminino, de normalidade e anormalidade, de pureza e sujeira.

Segundo Adorno e Horkheimer “a palavra liberta mas também aprisiona” o que contradiz a idéia de que nós enquanto seres humanos podemos ter “escolha”. Segundo Adorno nós aprendemos, mas em um sentido, em uma relação particular do sujeito com o objeto, que têm aí inserida a idéia de pseudo-individuação (a idéia de que podemos escolher algo).A relação de sujeito/objeto para estes autores é dialética, mas uma concepção específica de dialética. Eles questionam a lógica da identidade. A dialética não se encontra no objeto e sim no sujeito. O sujeito transcendental significa que o sujeito não é o que mas o como (a forma).

 Então como os símbolos que poderiam possibilitar inúmeros significados , como Scott assinala em sua conceituação de Gênero, acabam tendo sentidos universais e normatizadores?

“os conceitos filosóficos nos quais Platão e Aristóteles expõe o mundo, exigiram, com sua pretensão de validade universal, as relações por eles fundamentadas como a verdadeira e efetiva realidade... Esses conceitos provêm, como diz Vico, da praça do mercado de Atenas. Eles refletiam com a mesma pureza das leis da física e igualdade dos cidadãos plenos e a inferioridade das mulheres, das crianças e dos escravos. A própria linguagem conferia o que era dito, isto é, às relações de dominação, aquela universalidade que ela tinha assumido como veículo de uma sociedade civil... na medida em que constituíam semelhante reforço do poder da linguagem, as idéias se tornavam tanto mais supérfluas quanto mais crescia esse poder, e a linguagem da ciência preparou-lhes o fim” (Adorno e Horkheimer, 1985, p.35*).*

Aa repressão de formas simbólicas anterior hoje “abstraídas de seu sentido original parecem que esqueceram outras possibilidades de sentido” (grifo nosso). Existe também a perda de outras experiências anteriormente vivenciadas pela humanidade que foram sendo submetidas à repressão para que ocorresse a dominação. Nos significados do feminino/masculino que parecem ser “universais”, nos dias de hoje está presente a divisão social do trabalho; as novas tecnologias reprodutivas; as perdas de referências existentes em sociedades anteriores (como as matriarcais, por exemplo). Essas exclusões de histórias e, de como os conceitos vão se constituindo, colaboram na constituição de relações de assimetria e desigualdade, possibilitando aparecimento de relações de dominação entre homens e mulheres, na nossa sociedade atual.

Na segunda parte da definição de Scott (1991), de que “o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”, esta autora utiliza como um dos exemplos, para basear sua definição, uma afirmação de Godelier (1981), o qual segundo Scott (1991. p.17), faz uma reflexão de como o gênero pode estar implicado na concepção e construção do poder, no seu trabalho “The Origins of Male Domination”.

“... Não é a sexualidade que produz fantasmas na sociedade, mas sobretudo a sociedade que fantasma a sexualidade, o corpo. As diferenças entre os corpos que são ligados ao sexo, são constantemente solicitados para testemunhar as relações e fenômenos sociais que não têm a ver com a sexualidade. Não é só testemunhar, mas testemunhar a favor isto é, legitimar”[[3]](#endnote-3)(Godelier, 1981, p.17).

 Para a autora, a questão do poder em relação à hierarquia de gênero, é um ponto importante em seu trabalho. Pois, segundo Scott (1991), estabelecidos como um conjunto objetivo de referências, os conceitos de gênero, estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social. Na medida em que, “essas referências estabelecem distribuições de poder (um controle ou acesso diferencial aos recursos materiais e simbólicos), o gênero torna-se implicado na concepção e na construção do próprio poder” (Scott, 1991, p.17).

Outra questão importante, segundo Scott, é a “função de legitimação do gênero”, que age de várias maneiras. Citando autores (as) como Bordieu (1980); Spivak (1985); Davis (1975); Bynum (1987) e os (as) historiadores (as) da arte, a autora (Scott, 1991) assinala que, estes trabalhos, vêm contribuir para “a função de legitimação do gênero”, pois suas interpretações, “baseia-se na idéia de que, as linguagens conceituais empregam a diferenciação, para estabelecer o significado e que, a diferença sexual é uma forma primária de dar significado à diferenciação” (Scott, 1991. p.17).

Homens e mulheres ao longo da História vêm fazendo e refazendo suas vivências, suas experiências físicas e sociais. Intervêm no mundo e não simplesmente se adaptam a ele. Em um país com grande influência religiosa (principalmente a católica), como o Brasil, a vivência da sexualidade é permeada por preconceitos e tabus antigos e pela ciência. Falar sobre a sexualidade e vivenciá-la, sempre tem sido visto como fonte de conflitos. As informações difundidas sobre sexualidade na maioria das vezes se restringem às funções dos órgãos sexuais/reprodução humana e formas de evitar a concepção.

Neste contexto, com a modernização da sociedade, ocorrem também alterações nas concepções e valores como virgindade, casamento, maternidade, amor, papéis sexuais dentro das relações e sociedade em geral.

Nessa mediação agem tanto fatores macro-estruturais: as políticas públicas que são diferenciadas por gênero; ações e programas governamentais para as mulheres; implementação de decisões de conferências internacionais, quanto no nível micro: organização comunitária; participação feminina nas decisões sobre seu corpo e sexualidade, divisões das tarefas entre os casais, etc.

Para Lima (1985, p.) o ser –mulher,

“... nessa sociedade implica em correr maiores riscos que perder a saúde, uma vez que o gênero define muitos aspectos no meio social. A responsabilidade integral pelo trabalho doméstico expõe as mulheres a riscos enormes de perder a saúde especialmente para as que vivem em condições de pobreza (...) a esse quadro se agrava a exposição à violência sexual e à agressão física que para muitas, faz parte de sua vida diária no lar, no trabalho, no campo e na rua.”

As definições presentes sobre mulher/homem; masculino/feminino, no dicionário da língua portuguesa (Ferreira, 1986), parecem balizar a afirmação de Scott de que, “as linguagens conceituais empregam a diferenciação para estabelecer significado” pois as diferenças sexuais, utilizadas nas definições de homem/mulher e masculino/feminino, propostas por Ferreira (1986) expressam um sentido de ser homem/mulher (naturalizadas, a partir de atributos sexuais) e se colocam como legitimadoras das relações de interação humana. Scott (1991, p. 19) vai acentuar que essa naturalização estabelece uma ligação entre gênero e poder pois,

“Freqüentemente, a ênfase colocada sobre o gênero não é explícita mas constitui, no entanto, uma dimensão decisiva da organização, da igualdade e Desigualdade. As estruturas hierárquicas baseiam-se em compreensões generalizadas da relação pretensamente natural entre o masculino e feminino” (Scott, 1991, p. 19).

Izquierdo (1994) realiza uma discussão importante, sobre o processo “naturalização”, em relação à questão da transsexualidade ao apontar que,

“...la estrutura de gêneros de la sociedadad no se toma como modificable, sea porque no se desea modificar, sea porque no se cree que se pueda modificar. Si algo anda mal y la estrutura de la sociedad debe tomarse como constante, ; qué es lo variable y qué depende de qué? Su respuesta fue considerar variable l**e** individ**ue** y essencial el género, sendo el sexo lo contingente. Un**e** puede ser de uno u otro género y el sexo ha de corresponder necessariamente al género. Si no se produce correspondencia **estoy encerrado em um cuerpo equivocado** , hay que corregir el error, cambiar el cuerpo. Lo que implicitamente se está diciendo es que lo físico es más mudable que lo psíquico y lo social...; cuando la fórmula utilizada para justificar la desigualdad social siempre ha sido recurrir a las diferencias físicas!...” (Izquierdo, 1994, p.38.

Pensar e repensar estas questões são fundamentais em relação a todas as culturas, dentro de uma análise, que permita entender a constituição dessas representações historicamente situadas, em que os “significados de homem e mulher; masculino e feminino” (grifo nosso), foram sendo expressos e unificados pela sociedade e colaborando nas desigualdades de gênero e nas assimetrias sociais e se expressam também nos dias de hoje na era da técnica no campo da reprodução humana.

Sobre a (s) possibilidade (s) de mudança (s), Scott assinala que, a natureza do processo (de mudança), só pode ser determinada no contexto do tempo e do espaço, e as mudanças podem ser de várias ordens e ter várias origens.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.**

Adorno,T,& Horkheimer,M.(1985).*Dialética do esclarecimento:fragmentos filosóficos*. Zahar Ed. Rio De Janeiro

Almeida, M. (1992). *Pelo avesso da cultura; o feminino* in Insight Psicoterapia. N. 17: Março/abril , pp. 12 -15.

Ferreira, A. (1987). *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2a. Ed. 18. Impressão. Nova Fronteira.Rio de Janeiro

Guedes, M.(1995). *Gênero o que é isso?*in Revista Psicologia:Ciência e Profissão.Câmara de Comunicação Social/ CFP. Brasília

Izquierdo, M**.** (1994). *Uso y abuso del concepto de gênero*. Mimeo. Madrid

Izquierdo, M**.** (1998).*El malestar en la desigualdade*. Ediciones Cátedra. Madrid, pp.94-95.

Scott, J. (1991).*Gênero; uma categoria útil para análise histórica*. Trad. Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Do original Gender: an useful category of hystorical analyses. S.O.S. Corpo. Recife

Ser Mulher. (2003). *A questão da clonagem humana***.** Friburgo, mimeo.

1. Heineich Kramer e James Sprenger escreveram em 1484 com o título de **Malleus Maleficarum – o Martelo das Feiticeiras** um relato dos processos de inquisição religiosa. Este trabalho foi traduzido para o português, pela Editora Rosa dos Tempos, em 1995 e têm nessa versão brasileira, uma introdução histórica de Rose Marie Muraro. [↑](#endnote-ref-1)
2. Esse processo de perseguição por parte da Igreja Católica às mulheres aconteceu também no Pará conforme artigo de Jane Beltrão (1985). [↑](#endnote-ref-2)
3. Op.cit. Scott, Joan.**Gênero uma categoria...** Segundo nota, neste trabalho da autora, ela se refere ao trabalho de Maurice Godelier que em francês foi publicado sob o título “Les Rapports Hommes/femmes: le probleme de la domination masculina in La Condition Feminina, obra coletiva sob direção do CERM, Ed. Sociales, Paris, 1976”. [↑](#endnote-ref-3)